

ALGUMAS REFLEXÕES BREVES A PARTIR DE UM PROBLEMA FUNDAMENTAL: A ORIGEM DO MUNDO

1 — Duas atitudes fundamentais são hoje maioritariamente assumidas perante a origem do Mundo e das coisas: uma, que atribui à matéria atributos de eternidade, e que postula que um jogo imanente de virtualidades conduz ao progressivo aparecimento de formas diferenciadas; outra, que considera a existência de uma Entidade exterior, superior, autónoma e incriada, Ela mesma criadora da matéria e, por tal, de tudo quanto existe.

Estas duas posições, no seu antagonismo, são um limite explicativo através do qual tenta o Homem realizar a compreensão de uma realidade bruta e obsessivamente presente, evidência radical com a qual, e contra a qual, existe e se define.

Mas, interior a um campo cultural específico, é a violência desta mesma oposição, e a sua problematicidade, que permite, ou exige, quer a interrogação contínua quer a tentativa de compatibilizar os extremos, ou de os superar, pela proposição de uma outra via: a que afirma a divindade da matéria, numa ligação que, originariamente marcante, e revestindo aspectos diversos, aparece agora como solução de recurso a algo que foge a toda a possibilidade de entendimento (enquanto outras teorias, como a formulação platónica de uma entidade intermédia: o *demiurgo*, organizador de matéria eterna e caótica — aparece como um processo dualista e híbrido, e que a especulação ocidental dificilmente poderá recuperar ou aceitar).

Assim, afirmar qualquer dos posicionamentos como Verdadeiro, mais do que ousadia, é sempre uma atitude dogmática;

è esta, surgindo como a viciação intelectual que consiste na afirmação daquilo que não encontra em si a transparência suficiente para prescindir do acto decisório arbitrário, pode ser entendida como a manáfostação necessária de uma justificação equilibrante, a partir da qual possa o Homem habitar o Mundo em que se encontra.

2, Se deixarmos de lado, provisoriamente, a questão fulcral que é a de saber as razões que levam o Homem a questionar o real enquanto dado (ou, de outro modo: de onde vem ao Homem a sua exigência interrogante), verificamos que as perguntas fundamentais são (ainda) estas, que muitos séculos separaram: «Que é o que é?» e «Porque *existe* alguma coisa em vez do nada», que os primeiros pré-socráticos e Heidegger formularam com imexcedível força.

Perguntas que contêm em si o cariz de uma interrogação essencial e simultânea de problemas de quantidade e de qualidade, e de modalidade e relação, mas perguntas que pressupõem uma estrutura do pensamento interrogativo preocupado com a necessidade de entender o Mundo não como mero somatório de partes, em tácita aceitação da descontinuidade, mas como um desejo de estrutura ou princípio unificante que torne o longo e espantoso espectáculo do que é, inteligível e, logo, coerente e apaziguado*

De forma progressiva as contínuas tentativas explicativas desenvolvem-se a dois níveis aparentemente diversos: um, o da procura do princípio a partir do qual as coisas surgem, a *arché*, a substância primordial; outro, a procura de entendimento das relações do Homem com o Mundo, em exercícios de múltipla variedade e suposta autonomia. Mas tal diversidade e autonomia cedo se revelam falaciosas: é a primeira questão que assume carácter regente, e a interligação dos problemas não deixa de colocar a segunda em relação de notória dependência,

3, Que o princípio primordial seja a *água*, o *aer*, o *apeiran*, ou qualquer formação nuclear hiper-densa a partir da qual se desenvolvam múltiplas cisões, pouco aqui importa: resiste o problema do aparecimento da matéria, e em aberto fica a possibilidade de passagem ao diverso, que aspectos apenas físico-químicos e mecânicos não permitem explicar, «Estamos condenados

ao sentido», poderá ser dito nos nossos dias; e se, muito cedo, a evolução do pensamento racional desembocou no *nous* de Anaxágoras, é o mesmo problema que já então se entrevê» O trajecto questionante, ao «interrogar a realidade física, dobra as questões: com a interrogação primordial implica-se a interrogação das estruturas relacionais, e (indirectamente) éticas, num processo de recorrência justificadora — por mais que hoje se esqueçam os fundamentos ou se queira inverter a ordem interrogativa.

Quer dizer: as hipóteses explicativas da constituição original assumem, por virtude da necessidade intelectual humana, um carácter determinativo, enquanto garantes da coerência da continuidade e à explicabilidade do que é, e dos modos pelos quais o que é, se dá,

É, desde logo, toda a problemática do *Uno* e do *múltiplo* que aqui se joga; problemática eminentemente ontológica mas, também, fundamental questão de toda a Filosofia — dir-se-á: a única, aquela que todos os pensadores, directa ou indirectamente, abordaram. Escusado iludir os problemas: é para ela que! remetem as questões múltiplas dos campos aparentemente autónomos das várias disciplinas filosóficas, cuja constituição, tributo a pagar a uma metodologia cientificante de seriação e especificação (e especialização) continuamente ,exige o regresso à origem (e a um espaço de crença), numa busca de iluminação oblíqua de processos de abordagem e da sua fundamentação.

4. As duas atitudes limite inicialmente apresentadas, são, assim, férteis das mais variadas consequências, as quais, contudo, na sua diversidade, nelas encontram apoio; e, se hoje as colocamos como poios de atitudes fundamentais, tal não impede que campos particulares de estudo pensem o percurso que conduziu à sua constituição ou aos modos que ao longo do tempo tem assumido a sua formulação. De qualquer modo, a simples permanência da sua apresentação, e a necessidade sentida pelo homem de a elas recorrer continuamente, mostra o carácter de premência das questões e a posição que ocupa na arquitectura especulativa.

Ora, se há campo onde tal carência é indubitavelmente marcante, ele é o da problemática ontológica básica, que assim, passando por questões aparentemente apenas cosmológicas, as ultrapassa pelo carácter de radicalidade com que as formula, e o

aspecto crítico com que assume as hipóteses científicas aventadas, buscando o «para além» contínuo das explicações que não atingem o ponto alfa absoluto.

5, De facto, se as interrogações sobre o Mundo são constantes, elas ter-se-ão radicalizado com a progressiva consciencialização humana da própria finitude, ou, o mesmo é dizer, do seu assumir-se como parte. Pois não será a proposição do «*Todo*» uma formulação necessária da parte! que como parte se assume? Estrutura que houvesse a buscar, nesta consciência radica provavelmente a constância do dinamismo interrogante, processando-se a vários níveis os esforços para obter respostas satisfatórias, num percurso que, se mostra a progressiva racionalização dos problemas, gera também um trânsito de redução formalizadora,

6, A passagem do *múltiplo* ao *Uno*, ou postulação deste como necessário, aparece como consequência lógica de um processo progressivamente desenrolável, que o exercício especulativo continuamente aflora como esforço autónomo — sem embargo das contribuições práticas que geram o percurso das sínteses ampliificantes a partir de um esforço analítico básico, no dinamismo das identidades detectáveis e das separações radicais. Desde logo a colocação do problema passa pela capacidade humana de relação complexa; mas radicaliza-se e é levada às suas últimas consequências por outra capacidade ou postura: a da necessidade de ordenação rigorosa e explicativa, sem a qual o mundo surge como desconexo ou absurdo.

Ora, se se fala de dinamismo relacional, esta simples indicação remete para a questão que subjaz a toda a problemática: a do movimento. Ao «Porque existe alguma coisa, em vez do nada»? poder-se-á acrescentar: «Porque se move algo em vez de estar imóvel»? o que significa como o movimento é determinante na investigação ontológica. O escândalo de existir dobra-se, e com outro escândalo: o de mover-se, o de não se bastar a si mesmo, o de passar a ser outro, o de nesta passagem encontrar forma de «poder ser». Testemunho de finitude, por certo; mas, também, de uma capacidade de superação que toda a actividade direccionalmente revela.

Diga-se: a história da Filosofia surge como um repositório de tentativas de explicação dos problemas que, postos radical-

mente pelos pensadores gregos, e desde logo pelos pré-socráticos, aspiram a uma solução que sempre se tem revelado fugidia e resistente às elaboradas construções parcelares; e a sua própria aspiração explicativa sistemática desafia (enquanto manifesta...) a vocação totalizadora do espírito humano, e revela as suas fraquezas e pressupostos -intrínsecos. Mas, ao mesmo tempo, cada construção teórica, para lá do seu aparato crítico-organizativo, e dos aspectos particulares que eventualmente aborda ou privilegia é ainda à fulcral questão básica que vai entregar o alicerce das suas posições, mesmo quando a esqueça, ou somente se esqueça de a indicar. É que o esforço teórico totalizador só encontra o seu correlato objectivo num total substancial, e toda a procura de sentido, preocupação fundamental, passa pela compreensão dos processos iniciais geradores da envolvimento absoluta.

7. Qualquer que seja a posição escolhida (e a escolha passa sempre por um processo trans-racional na falta de possibilidades objectivas de demonstração) nela se encontram os escolhos suficientes para permitir o jogo das oscilações: nem as virtualidades da matéria parecem suficientes para explicarem por si só o processo regrado do seu desenvolvimento a um tempo harmónico e diversificado, nem a existência de um ente supremo e autónomo parece passível de ser postulada com a força necessária que à evidência humanamente desejável convém. Os modos do esforço afirmativo de uma ou outra das posições são sempre um assumir de metalinguagens; e quando se pensa falar do real em termos neutros e exteriormente convenientes, escusado será ignorar que é sempre de dentro do próprio real que se fala, e o enfrentamento primeiro tem raízes culturais irrecusáveis.

A proposta hilozoísta grega, concebendo o mundo como um grande corpo animado, se tem hoje ainda ressaibos nas formulações animistas e encontra eco de cariz elaboradamente sintético nas hipóteses panteístas, encarou analogicamente a possibilidade explicativa do movimento, enquanto desde logo compunha o grande leque de problemas básicos: do mundo, da matéria, das mutações, eventualmente o do sentido, que na simples hipótese se contém e se reduz. Que o Homem desse mundo e crença já se sentisse dele separado, ou que o partilhasse confiadamente, pouco agora interessa, embora se possa julgar que nenhuma ruptura radical o conseguisse marcar; longe deveria estar da

reflexão que à antropologia fisiológica conduzirá. Mas o que é facto é que o percurso que à separação e à teorização conduz arrasta consigo uma questão necessária, simultâneo sinal de ruptura e de esperança: a do sentido do questionar humano, ela mesmo passando por outra fundamental: «Que é o homem?», expressão resumo da tríplice interrogação kantiana e que o séc XVIII e seguintes definitivamente imporão,

8, iProcurar o sentido, preocupação humana, instala-se* na dupla perspectiva de um questionar totalizante: a que o busca no Mundo enquanto «*Todo*», procurando a correspondência de tal «*Todo*» ao «*Todo*» pensável — numa redução esquemática lógica ou no desejo de um encontro de relevante (revelante) transparência; e a que o busca para o destino individual, eventualmente supondo poder alhear-se da primeira perspectiva, ou a ela se sobrepor, clarificando os projectos a partir da situação própria assumida, num desejo de iluminação autónomo e auto-esclarecedor*

Já foi apontado que esta dupla perspectiva não surge com foros de paralelismo ou de possível alternativa: a segunda está claramente enlaçada na primeira, já que a exploração do «*todo*» autónomo do Homem não pode deixar de lado o «*Todo*» pelo qual e sobre o qual ele mesmo se assume como parte, o que torna irreversível o questionar aquilo que está continuamente fora, porque apenas transitoriamente e a título precário se assume e ocupa.

9» Entretanto, pôr o *Todo* transmuda-se, no campo conceptual, para a proposição do Uno, limite capaz de, por invencível tensão do Homem, sustentar a possibilidade de um pensamento progressivamente integrado; e referir as relações *Todo/partes* equivalerá a pôr o problema da relação *Uno/múltiplo*, acentuando a primeira formulação o carácter participativo e orgânico dos elementos integráveis, enquanto a segunda se eleva a um rigor formal que convém a estados de desenvolvimento conceptual em que se acentua a distância Homem-Mundo, pela questionação dos elementos constituintes e pela aparente dissociação das relações integradoras.

Deste modo, e talvez por ínvios caminhos, ou por necessárias regressões, cada processo organizador de sectoriais especificidades gera em si a tensão integradora que é a da sua própria

sustentação e compreensibilidade, num esforço que se quer, a um tempo, de fundamentação de valores e de ordenação lógica, e que passa, necessariamente, por um radical questionamento gnoseológico, assim fazendo deste sector envolvimento privilegiado da questão ontológica»

10. É neste ponto que a afirmação dos entes múltiplos, qualquer que seja o modo como se dêem, remete continuamente para o princípio unificador; e é também aqui que o entendimento deste princípio como limite pode assumir as formas de puro conceito operatório ou de entidade substancial, entendimento que dificilmente se pode libertar da circularidade que pressupostos cosmológicos arrastam. Quer dizer: assumir o entendimento do Ser (nomeação limite a partir da multiplicidade dos entes em relação aos quais se afirma que «são») como puro conceito operatório é instalar o pensamento num campo que pressupõe a inexistência de uma entidade transcendente e superadora, criadora, o que se reflecte em sectores específicos do pensamento filosófico por atitudes metódicas caracterizadamente empíricas, e cuja elaboração conceptual conduz, pelo nominalismo, a uma filosofia do conceito, de iformulações recorrentes e tendencialmente apenas formais; assumir *esse* entendimento como Ente, substancial, é abrir a uma realidade transcendente, criadora, com a conseqüente dependência do que é criado (agora: «criatura») de um Ser, princípio originário e decisivo.

11. Caímos, assim, de novo, na oposição inicialmente apontada, oposição sobre a qual a hipótese panteísta se vem a constituir uma hipótese alternativa, tão conciliatória como, pelo menos no campo ocidental, fortemente instável e ambígua. Em qualquer dos casos, porém, a problemática ontológica decorrente levanta-se com a força da necessidade irrecusável.

No primeiro caso o movimento é imanente a uma matéria que é o princípio formador e conformador, e que por desenvolvimento das suas próprias virtualidades gera a multiplicidade organizada e diferenciada, segundo processos aparentemente regrados, enquanto dinamismos de interna necessidade conduzem às mutações necessárias ao desenvolvimento e à adaptação, numa cadeia ininterrupta. O próprio Homem, questionador, é produto do processo que conduz a esta situação extrema: uma complexi-

zação particular, mas singular, da matéria, volve-se diferença radical, e é a própria matéria organizada que se torna capaz de questionar a matéria, num processo que é, a um tempo, de interioridade e de exterioridade básicas. A possibilidade de dizer o «Ser» é, assim, imanente à organização material, a qual, por sua vez, se rege por «leis» interiores à própria matéria, e, em seguida, aos conjuntos que gradualmente se vão constituindo, e que a cultura condensa e desenvolve*

No outro caso, o movimento é desencadeado por um princípio exterior à matéria; e se, no caso limite que a concepção cristã propõe, é uma entidade: Deus, que cria a própria matéria numa proposta radical e cujos desenvolvimentos e consequências se deixam adivinhar — o Homem assume a possibilidade cognitiva por um estatuto de participação transcendente, da qual decorrem as suas potencialidades e aspirações*

12* Com uma ou outra destas posições o Homem se encontra, postulando-a ou aceitando a sua postulação — e daí irrompe uma posição gnoseológica específica, pela fundamentação a que recorre e os implícitos desenvolvimentos que contém*. Se a própria aceitação de uma das posições em detrimento da outra faz apelo a um processo crítico que com uma dimensão gnoseológica tem a ver, a circularidade do processo parece sê-lo, apenas, num tempo diferenciado: a crítica tanto sucede por uma consciência da impossibilidade de apreensão imediata, directa e transparente do que como dado e desafiador se constitui, nesse «espanto» activo que conduz à Filosofia... — como a desenvolve, agudizada, nos esforços contínuos e sempre mais elaborados»

E, assim, entre a linha da espectacular mutação contínua, da proliferação e transformação imparáveis, e o ponto da especulação cognoscitiva integradora que surge uma inevitável disparidade vectorial; e esta disparidade só se pode supor que seja ultrapassada se o conhecimento visar não os elementos individuais enquanto individualmente considerados, mas todo o processo dinâmico com os seus múltiplos intervenientes, num jogo cada vez mais complexo de relacionamento de conjuntos e estruturas*

13* Que a problemática do movimento era, (e é), fulcral, claramente o presente Aristóteles que, em dois locais diferentes

da «*Metafísica*», a ele se refere com opções diferentes. De facto, se num afirma a sua imanência à matéria, no outro põe a necessidade do «motor imóvel», condição imprescindível a uma «animação» que as comparações habituais com práticas produtivas humanas alicerçadas em justificações causais, menos clarificam que ocultam. Mas se o louvor que faz da teoria de Anaxágoras pode deixar entrever um certo pendor para a recusa de simples processos materiais, a formulação da teoria da *potência* e *acto* instaura na reflexão a abertura ao campo do possível, permitindo a sua utilização posterior em mais ou menos «rigorosas» formulações de cariz mecanicista e determinista.

O assumir pelo mesmo autor, em épocas diversas, das duas posições limite, é significativo, qualquer que seja o entendimento que se faça da sua formulação, e a distância a que se possam encontrar as representações de quem as formulou — hoje de todo em todo incaptáveis. Mas o que parece irrecusável é a existência de diferenças nítidas entre elas, e a (necessidade sentida por Aristóteles de ultrapassar os obstáculos surgidos pela formulação «inicial», sem que se saiba ao certo qual haja sido o modo real como a ultrapassagem foi assumida.

14. Por outro lado, ao dinamismo da matéria corresponde/opõe-se o dinamismo humano que, questionando o real nas suas manifestações espaço-temporais, aspira à inteligibilidade dos factos que o «sentido», e só ele, completará. Que o homem «deseja naturalmente saber» e que «todo o homem tem desejo de imitar» são aportações aristotélicas que mostram tanto a tensão ontológica como a consciência da separação assumida, e que conduzem ao desejo de ultrapassar as distâncias pelos processos da captação cognoscitiva ou da fusão partilhante das características e potencialidades alheias. E neste percurso, sinal claro da vontade de ultrapassagem da humana finitude, encontramos ainda nos dois pólos (saber/imitar, e imitar: saber) as pré-considerações da situação inicial extensiva como determinante do valor (ou tão só da possibilidade) que este conhecimento e esta imitação alcançam.

15. Se Aristóteles é levado a propor uma teoria do «realismo» alicerçado na teoria da identidade da afecção das almas quando provocadas pelo mesmo estímulo, e a estabelecer o campo do erro na adequação ou inadequação das combinatórias, o facto

é que o desenvolvimento de tais posições pode ser feito em direcções diversas consoante as posições prévias assumidas, E este. é um facto das mais amplas conseqüências, e que não pode ser esquecido.

A posição ingénua do conhecimento claro pelo simples encontro reconhecedor, ou identificador, cedo se vê posta em causa, exigindo-se um ponto de apoio sólido que permita a garantia (a quem a exige: o Homem — que por isso, e nisso, busca também o seu sentido) de que o afirmado se «adeque» ao que é nomeado, num desejo de auto-evidência, ou transparência, e em que os pólos da exterioridade do objecto e do sujeito cognoscente continuamente se dispõem em tensão manifestadora de clara separação. E, daí, a busca incessante do ponto de apoio, ele necessariamente irrecusável, por evidente, e que sustente todo o edifício a construir, num discurso integrador (e conformador...) do real

Assim, as posições e preocupações gnoseológicas envolvem-se nas questões ontológicas, pois claramente o discurso questionador do «que é»? se reclamará do «que sei? que posso eu saber»?; mas ambos se estabelecem sobre! um campo mais vasto — o das hipóteses, ou das perspectivas cosmológicas iniciais, pano de fundo dos desenvolvimentos posteriores♦

16. Diga-se: não será tal posição capaz de inverter a ordem das questões? Não me parece: é que nem essa é a ordem original do questionar humano, nem podem os exercícios lógico-gnoseológicos solucionar questões que ultrapassam este sector, qualquer que seja a crença no poder da razão; pelo contrário: são as hipóteses onto-cosmológicas que desafiam o processo especulativo, e será sobre elas que se alicerçarão, ou procurarão alicerçar, as atitudes para com as possibilidades do conhecimento humano.

17. A aceitação do movimento como imanente à própria matéria, e da eternidade desta, arrasta consigo a consequência de ser o Homem matéria que, atingindo um determinado grau de organização e complexização, se diferenciou suficientemente para questionar as outras organizações materiais; e põe ainda, geralmente, a hipótese de que o movimento e as diferenciações subsequentes obedecem a leis que podem ser descobertas pelo Homem inteligente, o qual, graças à plasticidade da própria matéria, pode

interferir no processo produtivo e transformativo, organizando o seu próprio caminho»

Estas duas afirmações iniciais implicam necessariamente várias outras, envolvendo os desenvolvimentos práticos destas posições e que passam pela afirmação privilegiada de metodologias e conhecimentos específicos. No campo gnoseológico, contudo, um aspecto parece ressaltar: a possibilidade de conhecer é um facto imanente à própria matéria organizada de determinado modo, mas todo o conhecimento é uma construção autónoma e exterior ao objecto conhecido (donde a separação absoluta e a impossibilidade de qualquer hipótese de «conhecimento por penetração») e cujo valor se mede pelo valor operatório (logo: prático) na transformação do real; a outro nível, o formal, procura-se o estabelecimento das leis e do seu sistema de desenvolvimento autónomo e que permitam a compreensão dos mecanismos que se supõem reger o real, enquanto se levantam as hipóteses de paralelismo ou não paralelismo, ou de isomorfismo, dos mecanismos de desenvolvimento conceptual das construções autónomas do espírito com as possibilidades combinatórias que o movimento provoca na matéria♦

18. Nesta linha, as possibilidades de inteligibilidade do real são postuladas, e atingirão o seu ponto limite com a formulação hegeliana de que todo o real é racional, num panlogismo que, a vários níveis, se dobra com uma estrutura «teológica» — laica, embora — de pensamento* Mas, independentemente desta formulação (que pressupõe aqui, um «espírito absoluto» e «a~teo»), continuamente se aceitam, explícita ou implicitamente, os princípios acima apontados, como consequência de um dinamismo básico que em si, e nas suas correspondências, busca a sua própria fundamentação. Entretanto, este processo privilegia e reforça, no campo prático, os princípios empírico^experimentais, e no campo especulativo as posições conceptualistas, independentemente das suas variações, ou da crítica interna que, em relação a aspectos particulares, possa albergar.

19. Por sua vez, a postulação de um ente exterior à matéria e que a ordena (como no caso platónico) ou que a cria (e é este o caso que aqui interessa considerar) implica questões igualmente fulcrais: o criado corresponde a um projecto exterior, e toda a

inteligibilidade terá de ser buscada a dois níveis: a do* encontro com o Criador, única possibilidade de um entendimento global e «directo» do que se constitui origem (e, poder-se-ia dizer: termo) e fundamentação absoluta, e a do encontro com o Mundo, manifestação do poder transcendente e sua obra, tornado inteligível pela possibilidade ao Honrem concedida de, por vontade expressa da quem o constituiu (eventualmente: «à sua imagem e semelhança»), poder «ler» um real que é, ao mesmo tempo, assumido como manifestação e via para Deus,

esta situação instala, de imediato, um duplo espaço gnoseológico: por um lado, o Homem, ente privilegiado da criação, assume a possibilidade de compreensão progressiva do real dado; por outro lado, a fundamentação lógica irá buscar o seu suporte no conhecimento de Deus, e da existência da alma, instaurando um optimismo gnoseológico que passa por uma assunção de visão integradora global-

Mas uma posição como esta acarreta os inultrapassáveis problemas da necessidade da Criação, da existência do mal, da liberdade, etc, que atravessam toda a especulação cristã ou dela derivada, enquanto se constituem simultaneamente arma manejada pelos seus opositores que em tal construção, por mais racionalizada que se queira, encontram sempre as fragilidades que apenas uma crença na Revelação, ela própria insusceptível de justificação discursiva, permite ultrapassar.

Assim, e neste caso, o exercício especulativo do conhecimento é um esforço de descoberta dos processos e mecanismos de produção e mutação dos elementos do real, para os quais o homem está especialmente preparado por ordenação divina; mas, uma posição como esta vai instalar todo o problema do determinismo e, ainda, o da própria formulação mecanicista que, com todos os seus matizes, encerra uma crença fixista, qualquer que seja o alcance que a este termo seja dado.

20. Curiosamente, as duas hipóteses, com os seus desenvolvimentos, acabam por introduzir um percurso de afins preocupações imediatas, sem embargo das distâncias posteriores; a do conhecimento das estruturas do real como possibilidade de aceder aos mecanismos produtores e transformadores subsequentes, única possibilidade de interferência humana capaz de permitir um aumento de poder e bem-estar — além do prazer que

da própria consciência de conhecer pode advir. E que uns para tal se considerem capazes pela sua própria constituição básica, e estatuto autónomo, e que outros hajam de ultrapassar certas dificuldades recorrendo à noção de «incompletude» da criação, o que deles faz criadores/colaboradores, não altera os dados do problema* Em causa está um duplo movimento: por um lado, o do dinamismo criativo básico, de que o Homem é um ponto sempre privilegiado; por outro, o que o Homem introduz como elemento apreendedor de mecanismos, catalizador de mutações, produtor de novos objectos, formas id instituições, organizador (ou assim se supondo) de um sentido que para si aspira, como constituinte imanente ou explicitador participativo,

21, De facto, tanto com um estatuto como com outro, o Homem, enquanto questionante, levanta as hipóteses que instituem os percursos relacionais múltiplos; e na medida em que se assume como elo da longínqua cadeia dos entes inumeráveis, encontra-se na situação de se ver, simultaneamente, como «dentro» e «fora»; dentro, enquanto sabendo fazer parte de uma globalidade que o ultrapassa e em que mergulha; fora, porque é ele, enquanto um, e (em si) único, que questiona, e que reconhece do-se como parte, e tributário do «todo» no seu próprio exercício questionante, aspira ao «Todo» (em que se integra, e ao desvendamento do seu sentido*

Que posição é a sua, e, por extensão, a de todos os outros existentes que, como existentes., reconhece ou tacitamente aceita? Que relações estabelecem íentre si e qual o tipo de relação que assumem com o «*Todo*» que necessariamente é postulado?

22, A elaboração de sistemas explicativos integradores, se radica num desejo explicativo e mostrativo integral, pressupõe o conhecimento dos mecanismos básicos e intermediários que são utilizados no discurso que se quer totalizante; mas o próprio discurso é interior ao «*Todo*», enquanto a possibilidade e necessidade do seu questionamento mostra como não se encontram esgotadas as possibilidades que se quereriam contidas, e resolvidas (?), em cada discurso. É certo que pode o sistema ser eventualmente aberto, contemplando sobretudo os mecanismos elementares do processo mutativo, pelo que a redução é sempre susceptível de ser assumida em termos de pura explicitação de, ou tão só:

chamada de atenção, para as leis de transformação; contudo, a própria postulação de leis transformativas é um ponto ousado, e datado: constituído numa determinada época, estabelece-se sobre a crença num (ainda) fixismo mais ou menos claro (mesmo quando aponta para as possibilidades combinatórias insuspeitadas e para a teoria das probabilidades), esquece as mutações imprevisíveis e crê o futuro pensável e formulável em termos de desenvolvimento de leis determinadas, e, por vezes, até de princípios aprioristicamente estabelecidos*

23. Significativamente, esta preocupação cognoscitiva acaba por se voltar contra o sujeito cognoscente, pela dependência em que se vai ver envolvido ao compreender, ou estabelecer, os mecanicismos relacionais autónomos. De facto, cada série estabelecida é a verificação de uma relação que o transcende, e se a sua apreensão permite uma interferência futura nos circuitos do real, ela é também a manifestação de uma dependência necessária; o esforço cognoscitivo contém em si, de algum modo, uma ambiguidade essencial: é um desejo inalienável de afirmação que, e à medida que o número de relações conhecidas aumenta e se torna vasto sistema integrado, se constitui sentimento de frustração, pela distância a que o sujeito se encontra da fundamentação a que aspira, enquanto a tentacularidade do próprio sistema o envolve fundamente. Hoje, como ontem, a velha máxima socrática: «Só sei que nada sei» testemunha uma posição deste tipo, e não pode ser entendida como desabafo de ignorante mas como testemunho de quem, instalado no ponto limite de conhecimento de uma determinada época, reconhece o espaço inultrapassável que é o da própria separação ontológica,

24. Tal afirmação, contudo, menos que travar o esforço cognoscitivo, é o desafio contínuo à ampliação do campo integral e explicitável no discurso coerente. Ressalvados os casos e os momentos em que um espaço de relação mística se constitui, o percurso passa pelo esforço de atenção ao real dado, num trabalho de investigação metódico, verificando as ordenações orginais ou aquelas que progressivamente se vão constituindo a partir do próprio trabalho do Homem sobre o real, ele próprio constituinte (ou interveniente) em novas estruturas e relações.

Todo este trabalho, qualquer que seja o estado prévio em que o investigador se coloque, conduz à formulação de sistemas de organização e transformação, talvez mesmo de modelos, no que tal termo tem de formalizado entendimento, e que passam a ser assumidos, eles também, como entidades com estatuto próprio, e cuja consideração não pode deixar de ser tida prioritariamente em conta: eles surgem como circunstanciais e construídos «arqué-tipos» reguladores dos processos naturais e culturais, com características de trans-localidade e trans-temporalidade, integradores explicativos de um dinamismo aparentemente anárquico. A proposição do discurso que os manifesta é, então, o esforço a um tempo informador e conformador do real, como, enfim, todo o discurso tende a ser; expressão de uma relação que tende a manifestar-se em termos afirmativos pela possibilidade de dizer o que é, o modo como é, e o processo por que é aquilo que é, e ainda, aquilo que a partir do que é virá a ser/ Percurso que é tanto um desejo de ultrapassar as distâncias entre quem diz e aquilo que é dito, por uma aproximação intelectual tão exaustiva quanto possível, como de anular a exiguidade do tempo de existência de cada quah

25* Se este esforço pode ser controlado, em múltiplos (e nos mais fáceis) casos pelo recurso à prática experimental em campos de ciências puras ou tecnologias aplicadas, com a verificação da repetitividade das relações e da possibilidade de interferência nos seus mecanismos, levanta-se com o rigor da necessidade em outros sectores a que vulgarmente se chama de ciências humanas, e é consequência da atenção com que, entre outros campos, é olhada a História e as irrupções de fenómenos nela detectáveis» Menos que a simples inventariação passiva e cronológica, interessa a procura da organização interna (e sistemática de quadros coerentes, embora complexos, e daquilo que, precisamente, os faz aparecer como coerentes; e, ainda, a detecção da repetitividade eventual de quadros afins, o que permite a hipótese da formulação de modelos englobantes mais vastos, alicerçados em (ou construídos sobre) constantes detectáveis.

Todo este trabalho, contudo, pressupõe a possibilidade de estabelecer a diferença fundamental entre o que é dado e o sentido daquilo que é dado, assim como das formulações integrado-

ras— coisas obviamente diversas» Cada fenómeno surge, assim, como a parte visível de um quadro que manifesta (ou se supõe manifestar) uma lei, ela própria integrável num esquema mais amplo* E logo, aqui, uma deslocação se manifesta: a verdadeira e fundamental preocupação não é a daquilo que é imediatamente dado, mas *este* surge como o que está aquém do que se busca, embora esteja com o que se busca em relação íntima e irrecusável, e para tal seja via, e que importa conhecer enquanto do seu conhecimento resulta ou um passo para a formulação ou explicitação de uma lei, ou a possibilidade de confirmação de um princípio já formulado* Quer dizer: o que é, qualquer que seja o modo como é dado, vai ser integrado numa estrutura mais ampla que, sendo posta, tende a assumir um «grau de ser» superior ao que possui aquilo que nela se integra e de que participa* Mas o grau de participação é, também, um grau de «dissolução» ou de «desaparecimento» do que participa, pela posição que a estrutura passa a ocupar, enquanto entidade arquetípica, seja esta formal ou substancialmente considerada*

26* Também aqui todo o processo pode ser visto a vários níveis, enquanto o processo captativo dos esquemas relacionais se mantém aparentemente exterior ao homem que interroga o real, —«ou quando o homem, na circunstância tomado como mero dado ou agente transformador, é, ele também, integrável nos esquemas que, a pouco e pouco, se vão ordenando e conceptualizando* Se no primeiro caso é possível (ou tem supostamente sido...) postular uma objectividade alicerçada na delimitação e estabilidade dos campos tratados, e na própria «frieza», estabilidade e objectividade do observador, no segundo a simples consideração do Homem como dado a integrar levanta as objecções decorrentes da crença no Homem como *ente* privilegiado, da sua liberdade e independência, — logo, dos problemas que advêm da sua situação particular de questionante e questionado* Mais: enquanto as relações estabelecidas entre elementos do real bruto surgem como uma conquista pura, mau grado a eventual consciência da impossibilidade de apreensão definitiva, aquelas que têm o Homem como objecto volem-se ameaça ao seu estatuto privilegiado; mas aqui, e curiosamente também, parece surgir uma inversão a ter iem conta: é que se a conquista se reveste, por vezes, de um cariz problematizante e ameaçador pela instalação do Homem num

Campo inóspito de relações de todo em todo exteriores é «transcendentes», de estruturas insuspeitadas e autónomas (ou que assim se tomam), são as próprias estruturas detectadas, ou supostas, que, de ameaçantes se volvem «libertadoras», pela consideração de um campo integrador que «liberta» o Homem de algo que lhe surge como definitivamente inaceitável — o seu encontro com o Mundo na solidão e desabrigo que a ausência de qualquer estrutura de inserção acarreta.

27. O desafio que o Mundo põe surge, então, como algo a ser preenchido segundo vectores diferenciados mas integráveis, sabido que a apreensão extensiva aspira a integrações seriais complexas, elas próprias ordenáveis, ou relacionáveis, entre si (segundo esquemas de semelhança e hierarquização), enquanto todo este processo abre de novo o campo necessário: o do sentido, a buscar, talvez, tanto na origem do percurso questionante, como na integração relacional quando esta é levada às suas últimas consequências. Relações, estruturas, modelos, continuamente desafiam a matriz ordenadora e geradora, o código dos códigos; não se trata já de chegar às relações particulares e sectoriais, mas de as integrar, — definitivamente(?), quereir-se-ia.

Contudo, este processo alimenta-se ainda dos pressupostos que foram inicialmente apontados: ou o processo é entendido como apreensão dos desígnios duma entidade transcendente que ordenou (embora, eventualmente, de forma incompleta) a matéria que pode ser a sua criação, cabendo ao Homem colaborante a tarefa da descoberta, mas sabendo qual a matriz geradora e reduzindo, de um golpe, a problemática do múltiplo e do sentido à de uma liberdade que, no limite, é assumida e designada como «insondável desígnio»; ou, aceitando o dinamismo da matéria, eterna e suficiente, instala-se no domínio do plural necessário e inultrapassável, embora tendencialmente formulando a afirmação de Ser, como limite conceptual de uma aspiração totalizadora.

28. Ora esta vocação totalizadora pode, ela própria, ser assumida como estrutura ôntica, logo originária, do ente questionante, ou pode ser encarada como consequência de uma inserção cultural que, ao pôr continuamente a questão por vários e díspares meios (mesmo a de estruturas linguísticas) gera a necessidade da resposta, constituindo-se falsa estrutura vocacionante. Num caso

Ou noutro, e sem embargo do reconhecímiento das implicações geradas pelos discursos anteriores e interiorizações daí resultantes (e sem, inclusivamente, pôr a hipótese de o problema do «Todo» tirar o máximo do seu impacto do problema fulcral do reconhecímiento da morte), a proposição do Ser surge ao homem como «fonte» de um discurso explítativo e iluminante que ao próprio Ser aspira. Definitivamente exterior ao Homem, ele é-lhe igualmente interior, enquanto possibilidade de abertura necessária; e, talvez por isso, o epíteto de «fonte» surja como designação adequada, qualquer que seja o pressuposto cosmológico básico: é a substância ou o conceito originário de um processo desvielador e ultrapassante do real dado, bruto, em busca de uma apreensão trans-transitória.

29. Que o Ser se revele, ou possa revelar, pelo questionamento dos entes, e que estes se manifestem no seu duplo aspecto de «serem» e de «não serem» (suficientemente), implica a vocação totalizadora citada, o reconhecímienito dos entes como partes, a intuição de um possível unificanfce, o desejo de conhecimento absoluto. Que este surja como limite para que tende o número de conhecimentos particulares quando a consciência da sua possibilidade integrada aumenta indefinidamente, pode ser um processo paralelo ao da formulação do Ser, ele mesmo conceito limite conceptual formulável a partir da consciência afirmativa do múltiplo que «é», mas que na afirmação de Ser se nadifica por um processo de participação, enquanto de modo aparentemente paradoxal, é desta participação nadificante que tira a possibilidade máxima de se constituir uma singularidade referenciável. Diga-se: assim como um número natural se dissolve quando confrontado com a noção limite de infinito (ele próprio gerado pela série que aumenta indefinidamente) tira do facto da série poder tender para infinito a insubstituibilidade da sua posição, assim o ente particular tira a sua compreensão mais forte da possibilidade de formulação de um limite conceptual, ainda que inobjectivável, como certas teorizações deixam entrever.

Talvez a comparação acima proposta seja falseadora ou arbitrária, sobretudo se se pensar em termos de transposição exacta; mas poder-se-á esquecer que o primeiro pensador a propor radicalmente a afirmação do Ser foi Parménides, de Eleia, da zona onde a especulação pitagórica, (e por aí: ética, lógica, místico-

-matemática), se fazia sentir e com que o pensador teve contactos? É certo que diferenças fundamentais não podem ser esquecidas; mas terá sido esta a base pela qual famoso «*Poema*» surgiu com as características radicais que se reconhecem.

30. *Dizei*: o «Ser» é, então, uma necessidade imanente, qualquer que seja o pressuposto que «introduza» a necessidade na imanência, e assumindo esta como estrutura do ente questionante; mas ainda aqui a opção por soluções cosmológicas diferentes parece alicerçar as posições diversas: a uma opção materialista corresponderá uma opção de imanência pura, traduzida numa cristalização cultural conceptual limite (enquanto, no mesmo sector, se pode também recusar a simples possibilidade nomeativa do «Ser» pela incapacidade qualificante correlativa ao termo); no campo a que podemos chamar, por oposição e comodidade, espiritualista, e transcendente, a necessidade pode ser entendida como um dom que abre o ente privilegiado, ou Ser, que assim se volve «fonte» e, poderíamos dizer, «fuz», pela circularidade do percurso que estabelece,

É ainda um entendimento do Ser como «agir» que, neste caso, necessariamente se postula; e o «escândalo» anteriormente apontado subsiste. Porque age, e muda, o que É? O repouso surgindo como insustentável, é o pensar a possibilidade de conciliação do *mesmo* com o *outro*, que determina um esquema participativo alicerçado em sistemas relacionais hierarquizados e complexos; por sua vez é a afirmação do necessário plural diverso que, na sua radical mutabilidade, desafia a formulação do *uno*, enquanto campo privilegiado do esforço integrador»

3L Curiosamente, uma frase chave do *Poema* parmenídeo, é traduzido de modos diversos por tradutores qualificados; «*Uma mesma coisa é ser e pensar*», dirão uns; «*Uma mesma coisa pode ser e pode ser pensada*», dirão outros, E deste caso saindo, o acto de pensar surge como o ponto chave da possibilidade activa e participativa humana pelo questionamento do Ser; ou porque ele é par do Ser, e a afinidade essencial introduz o Homem na possibilidade de acesso ao Ser, sendo que a afinidade é já disponibilidade querida do Ser; ou porque o homem é co-natural ao mundo, matéria da matéria, e o pensar é a manifestação de um grau organizativo superior dessa matéria, em si refazendo as possibilidades

organizativas e combinatórias desta, descobrindo ou participando, numa ligação cerrada que pode, eventualmente, levar à consideração do Homem como microcosmo.

Assim, a exterioridade que vem do pensamento, e da consciência do pensamento, dobra-se na interioridade das relações englobantes que as múltiplas rupturas parcelares não conseguem desfazer* O próprio pensamento surge como envolvido por aquilo que é pensado, e o pensamento primordial continuamente remete para a origem daquilo que é — envolvido e envolvência, — na busca do fundamento que é, também, a possibilidade da afirmação da exterioridade radical

32, Como se disse, a contínua oscilação entre as duas hipóteses «opacas», conduz à produção de uma terceira via que, sendo a que mais fundas raízes possui, surge com carácter sintetizador: o panteísmo aparece como solução de compromisso evidente, O «*Deus sive natura*» de Spinoza, que pode servir de exemplo, não deixa por isso de ser lido, hoje ainda, de modos diversos, consoante as radicais opções prévias de quem o aborda e/ou que a Spinoza atribui, O corpo animado, auto-animado, que o foi para os gregos de determinada época, é-o de novo: mas é-o agora com todas as marcas que resultam do contacto com quadros culturais e científicos ocidentais, no confronto com todas as impossibilidades que manifestamente se evidenciam na busca de uma inteligibilidade cosmogónica.

Significativamente, a recusa da aceitação do primado das hipóteses cosmológicas nos campos autónomos da filosofia, sejam eles a gnoseologia, a axiologia, a antropologia, quebra-se pela contra-prova: é que a especulação que por outros pontos começa, ou que noutras vias busca a sua fundamentação, a breve ou longo trecho reconhece que todo o trajecto impõe o pensamento de uma determinada origem do Mundo, como alicerce de um desenvolvimento que dele se queria afastado,

É certo que o pensamento filosófico, instaurando os percursos da busca fundamental surge, também, como o exercício dos modos radicais de pensar as questões particulares pela inserção amplificante, em sectorizações que crêem passíveis de desenvolvimento autónomo; mas continuamente se verifica como a sectorização tende, apesar dos protestos em contrário, a caracterizar-se por um aspecto curioso: ao delimitar um campo, e ao sobre ele

se debruçar, verifica a impossibilidade de manter as questões inicialmente tratadas alheias aos outros sectores constituídos ou a constituir, exigindo um tratamento global que, mais que interdisciplinaridade, é unidade indissolúvel que: só razões arbitrárias, epocais e de suposta eficácia desvincularam,

33. A busca do sentido, que é o sentido do Homem e da sua vida, mas que é, também, o sentido do Mundo, a que o primeiro *está* indissolúvelmente ligado, irrompe assim sobre ,e contra qualquer dogmatismo que aspire a constituir-se «o sentido», ou contra qualquer obstrução à possibilidade de busca, o que passa pela confusão do meio com o fim, do instrumento com o objectivo. O que permanentemente se questiona é uma possibilidade de inteligibilidade global, apaziguadora, porque desvelante, aos vários níveis da possibilidade humana; e o dogmatismo é o contrário da evidência: ele é, tão só, a afirmação impositiva do não evidente, exercício voluntarista de fixação de uma hipótese não provada.

Os exercícios hermenêuticos, então, mais do que importantes pelos resultados objectivos que obtêm, surgem como as manifestações incontroversas da busca necessária, qualquer que seja o campo sobre o qual façam incidir os seus esforços; a descodificação, a interpretação, todo o percurso que metodologias várias arrastam e longos discursos, muitas vezes herméticos mais por pretieínciosismo que necessidade, coroam, — são o espaço possível da busca sobre a palavra alheia, sobre o «logos» anterior, menos no sentido da repetição transparente do que da construção significante de posições embrionárias, ou da ocupação de interstícios exploráveis de tensas reflexões, A abertura do sentido é a da possibilidade humana e autónoma de um sentido, o que implica, como *limite*, a recusa de qualquer sentido pré-dado, ou a necessidade de compatibilizar o sentido pré-dado com as possibilidades humanas que o espaço de liberdade pensável manifesta. Se no primeiro caso estamos numa posição que postula ainda uma teoria materialista a escatológica, o segundo contempla, no melhor dos casos, a posição contrária, em que as potencialidades humanas não amputadas visam uma possibilidade conciliatória com um sentido que sie levanta como aprioristicamente constituído, e entrevisto, e qualquer que seja o modo como, em seguida, os relacionantes surgem no campo especulativo-existencial,

34* As tensões no campo especulativo manifestam, então, dois pontos fulcrais: por um lado, a da contínua tensão explicitativa humana, que é, também, a da sua justificação e auto-compreensão, tanto na sua entidade concreta e transitória como no das suas produções em todos os campos de actividade possível; o outro, o da contínua insatisfação que cada produção justificativa, por mais completa ou complexa que seja, deixa em aberto, exigindo refutação ou complementação (o que é sempre um processo de oposição ou ultrapassagem) e gerando esquemas relacionais eles próprios susceptíveis de abordagem formal

Toda a história da filosofia é a longa exposição dos percursos especulativos individuais ou colectivos que aspiram à resolução das questões fulcrais postas ao Homem, assim como das metodologias implicadas, e das tentativas de transformar as crenças metodológicas, e seus óbvios pressupostos, em evidências globais, isto é, não apenas lógicas, mas lógico-existenciais, se assim se pode dizer»

Cada discurso implica a constituição de um novo discurso, que é manifestação de possibilidade própria e desafio ao anterior; a procura do sentido faz-se, agora, e assim, sobre o campo dos sentidos previamente explicitados pelas formulações teóricas que se tornam envolvimento, mas que são também o lugar da insatisfação vital, que na sua irredutibilidade continuamente ultrapassa e questiona as propostas constituídas,

35, Esta tensão contínua, implicitamente indica dois pontos: um, que há no Homem um desejo inalienável de tranquilidade e repouso intelectual, pensável como possibilidade de acordo com o Mundo e de ultrapassagem de ruptura manifesta; outro, que todas as formulações produzidas não esgotam o real e o seu dinamismo desafiador e provocatório. Que o intelectualismo racionalista e racionalizador, por vezes optimista e triunfalista, não aplaca a tensão, torna-se claro; que o sensibilismo apostando na possibilidade da «fusão» e estabelecendo relações de participação empática, exige o necessário e posterior exercício integrador racional, é experiência corrente* A especulação ocidental, alicerçada num pensamento separador e distanciador, instala o Homem que procura numa posição de afastamento que é princípio de solidão e de voluntarismo, sempre que a falência dos quadros

explicitativos acabados e internamente coerentes lte suspenda a crença na Verdade.

36. Deste modo o problema se mantém em aberto, enquanto o discurso humano sie faz cada vez mais penetrante e insatisfatório. Construído sobre o monumental trabalho anterior, ele é a tentativa recuperadora e inovadora, o esforço instaurador que se crê, a um tempo, e antecipadamente» determinante e inútil. Buscar o sentido é, sempre, buscar o fundamento do sentido, ou da possibilidade de dizer: «buscar o sentido». Mas, ainda aqui, a questão platónica subsiste: como compreender, nas suas articulações, «o uno, o outro e o mesmo, o repouso e o movimento»? E como se impedir, se tal é possível, de pensar o que continuamente se propõe ao pensamento—a multiplicidade dos elementos, factos e relações que, concretos, na sua premência e transitoriedade de «factos do real» desafiam a compreensão legitimadora e hierarquizadora?

37. Pôde a tranquilidade vir do esquecimento momentâneo, ou do bloqueamento das questões e do questionar pela introdução de preocupações imierfiatas, ou, até da «superação»(?) das questões pela produção de novos esquemas de pensamento que, construindo-se sobre a forma de hipóteses transformadas em certezas, ou instalando-se em campos formais de intrínseco rigor interno, transpõem para novos discursos antigas posições» Contudo, o espaço é o da oscilação contínua entre poios extremos que desesperadamente buscam acordo, ou, tão só definitiva primazia: o Homem (e o Eu questionante) e o Mundo,

Radicalizar assim a questão não supõe qualquer esquema utópico de eventual superação do problema, sequer a crença na hipótese optimista de alcançar, com um mínimo de rigor, (e importaria definir até que ponto ele deve ser atingido, e atingir o Homem...) o que se encontra na origem do complexo sistema teórico em que nos encontramos. Significa, apenas, a chamada de atenção para o facto de que, ignorado o ponto fulcral da Origem, toda a procura de sentido surgir como uma construção aleatória, alicerçada em relacionamentos problemáticos do ente questionante com os outros entes, e que continuamente exige o alicerce que permita o desenvolvimento coerente,

38* Entre a eternidade da matéria e o «tudo está cheio de deuses», entendido como não incompatíveis, e a eternidade da matéria e a eternidade de um espírito Criador, vistas agora como possibilidades distintas e irreconciliáveis, até às variadas formulações panteístas com expressões do tipo «a matéria é espírito», perfilam-se as hipóteses de entendimento de um Mundo que serve de fundo obcecante a toda a especulação que, mesmo quando o ignora, sobre ele se constrói♦ Que *Espaço* e *Tempo* surjam como conceitos chave de todo o exercício discursivo, é o equivalente conceptual da tensão que marca o encontro radical com o dado bruto: o mundo, a matéria, a sua origem <e permanência, postos em contacto com o ente questionante, privilegiadamente questionante, breve, finito e capaz de pensar a sua brevidade e finitude.

Nada e infinito, origem e termo absolutos, são noções e lugares irrepresentáveis* Deste modo, a procura do conhecimento (absoluto) e do sentido, no seu íntimo relacionamento, levantam um problema insolúvel: o do seu campo de exercício* A problemática da «ousia» aristotélica permanece em aberto, sem que possamos esquecer ser ela a primeira das categorias, e as traduções (*essência, substância*) que do termo têm sido feitas*

Entre as teorizações da problemática do *Uno* e do *múltiplo* e as hipóteses cosmológicas, existe um laço indissolúvel, mesmo quando silenciado; com ele, e nele, procura o homem um sentido que, sendo seu, é também o do Mundo em que vive.

Diogo Alcofotado